

Thaís Rufatto dos Santos

INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ

EUCARISTIA • CATEQUESE INCLUSIVA



Apresentação

A autora Thaís Rufatto dos Santos impressiona pelo amor que dedica às crianças e aos jovens com algum tipo de deficiência. Essa dedicação tornou-se a missão de sua vida, razão de estar neste mundo e de tudo aquilo que possa motivar o coração de uma mulher com sentimentos de mãe. Por isso, quando ela anima catequistas a aceitarem a criança com deficiência em seu grupo, ou seja, a serem inclusivos em sua catequese, o faz de maneira natural e convincente.

Atualmente, seu trabalho profissional como psicopedagoga está cem por cento direcionado à orientação dos pais e ao atendimento individual de crianças e jovens com deficiência. Por isso, merece toda admiração por seu empenho e competência.

Este livro pretende ampliar as possibilidades do itinerário catequético de *Iniciação à vida cristã: Eucaristia* do Nucap. Caminha lado a lado com ele. É um trabalho inovador que quer subsidiar e encorajar o catequista nessa missão. Pouco a pouco, a sociedade vem descartando antigos preconceitos e se enriquecendo com a participação de todos na vida comum. Que esta obra contribua para a chegada desse dia!

Pe. Antonio Francisco Lelo

Introdução

A catequese, de acordo com as palavras do Papa São João Paulo II, “é uma educação da fé das crianças, dos jovens e dos adultos, a qual compreende especialmente um ensino da doutrina cristã, dado em geral de maneira orgânica e sistemática, com fim de iniciá-los na plenitude da vida cristã”.¹

A exemplo de João Batista, o catequista é chamado a anunciar Jesus como o Messias esperado, o Cristo, sendo sua tarefa convidar o catequizando a fixar o olhar Nele e segui-Lo. “Como o Precursor, o catequista não deve exaltar a si próprio, mas a Cristo. Tudo deve ser orientado para Ele: para a sua vinda, presença e mistério.”² O Santo Papa João Paulo II deixa para você, catequista, a seguinte mensagem: “Queridos catequistas e professores de religião, o vosso trabalho é necessário como nunca e requer, da vossa parte, uma constante fidelidade a Cristo e à Igreja”.³

“Não fostes vós que me escolhestes; fui eu que vos escolhi e vos designei, para dardes fruto e para que o vosso fruto permaneça” (Jo 15,16a). Foi Jesus quem escolheu os discípulos, os conservou consigo e os constituiu, antes da sua Páscoa, para que produzissem fruto e este fruto fosse duradouro. Após a sua ressurreição, ele lhes confiou a missão de ir fazer discípulos em todas as nações. Somos nós, catequistas, os discípulos e missionários de Jesus nos dias de hoje, que devemos produzir esse “fruto” e anunciar o Evangelho a todos os nossos catequizandos, junto com nosso testemunho.

¹ Cf. *Jubileu dos Catequistas*. Homilia do Papa João Paulo II, 10 de dezembro de 2000. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/homilies/2000/documents/hf_jp-ii_hom_20001210_jubilcatechists_po.html>. Acesso em: 13/08/14.

² Cf. *ibidem*, n. 1.

³ Cf. *ibidem*, n. 1.

Quando vamos anunciar Cristo, é ele mesmo quem vai à frente e nos guia. Ao enviar seus discípulos em missão, prometeu: “Eis que estou convosco todos os dias” (Mt 28,20). E isso é verdade também para cada um de nós, porque Jesus nunca deixa ninguém sozinho, sempre nos acompanha.⁴

Caro catequista, seu medo de enfrentar este desafio não se diferencia muito do de Jeremias, quando foi chamado por Deus para ser profeta: “Ah! Senhor Deus, não sei falar, sou uma criança” (Jr 1,6). Deus também diz a você: “Não tenha medo dos catequizandos com alguma deficiência, pois estou contigo para defendê-lo” (cf. Jr 1,8). Ele está todos os catequistas nesta missão inclusiva, acredite!

O anúncio do nascimento de uma criança com deficiência gera nos pais inúmeros sentimentos, como ansiedade, frustração e insegurança, relacionados ao seu futuro e a sua posterior inclusão na sociedade. A ansiedade presente no catequista, somada aos mesmos sentimentos vivenciados pelos pais, leva ao questionamento vocacional de saber por qual motivo recebeu essa criança com deficiência em seu grupo. Esse desafio vocacional e catequético pode ser enfrentado com a ajuda de Isaías 49,3a: “Tu és meu servo”.

Nessa missão de evangelizar, o porta-voz de Deus é o catequista, a quem escolheu para que a sua Palavra chegue aos corações destas pessoas e de suas famílias. Cabe, então, ao catequista oferecer subsídios para que o catequizando se sinta acolhido na comunidade. “Uma criança com deficiência deve ser apoiada de forma diferente de uma criança sobredotada,⁵ para que ambas vejam o seu direito respeitado.”⁶

Este livro aposta na capacidade do catequista de enfrentar o novo, de ser desafiado a crescer e a ser evangelizado pela história de vida e de superação do seu novo catequizando, sem medo e

⁴ Cf. *Palavras do Papa Francisco no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 2013. p. 124.

⁵ Aquele que é dotado de inteligência superior à média. Cf. *Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. Mais informações sobre “sobredotação” disponíveis em: <<http://www.familiacrista.com/noticias/familia/2015-o-mundo-dos-sobredotados.php>>.

⁶ Cf. *Youcat Brasil: catecismo jovem da Igreja Católica*. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2011. 302p.

sempre adiante, com a finalidade de apresentar a catequese eucarística até à celebração frutuosa deste mistério.

De acordo com as deficiências mais frequentes na sociedade, este livro adapta os encontros do livro *Iniciação à vida cristã. Eucaristia: livro do catequista*, do Núcleo de Catequese Paulinas. O planejamento dos encontros deverá respeitar e adequar-se à individualidade deste catequizando, modificando-se apenas algumas atividades e estratégias.

Nas páginas que seguem, é importante que o catequista:

1. Leia os três capítulos da primeira parte com muita atenção.
2. Na segunda parte, pesquise diretamente o capítulo que trata da deficiência que seu catequizando apresenta.⁷ Cada capítulo descreverá as características gerais de determinada deficiência, seguidas das adaptações próprias para a catequese, inclusive com a indicação de filmes específicos para o catequista conhecer de perto a realidade daquela criança.
3. Na terceira parte, que trata da adaptação dos encontros, verifique as sugestões parcialmente comuns aos vários casos e aquelas específicas a determinada deficiência. O catequizando com deficiência deverá utilizar o mesmo livro dos colegas o máximo possível.

⁷ Também aprofundi as noções principais que orientam a catequese voltada a pessoas com deficiência em: SANTOS, Thaís R. dos. *Catequese inclusiva: da acolhida na comunidade à vivência da fé*. São Paulo: Paulinas, 2013.

1. Identidade do catequista inclusivo

Vamos reportar-nos à Campanha da Fraternidade de 2006,¹ sob o tema “Fraternidade e Pessoas com Deficiência” e com o lema “Levanta-te, vem para o meio” (Mc 3,3). A Igreja faz memória da inclusão que Jesus praticou no seu tempo e convida o catequista a pôr em prática a ordem dada por ele ao homem da mão seca. Igualmente, o catequista irá trazer para o centro o catequizando com algum tipo de deficiência e saberá redimensionar os preconceitos e as observâncias da sociedade, tendo em vista a pessoa humana.

A atitude de ver a pessoa com deficiência além de sua aparência mostra que o catequista aprendeu com Jesus a amar o pobre, o aleijado, o coxo, o cadeirante e também os excluídos (cf. Mc 8,23-25; Mt 15,30-31; Lc 7,22; Jo 1,8). Vê neles a imagem de Jesus à margem de nossa sociedade. Por isso os acolhe com amor, lembrando o Evangelho segundo Mateus 25,40: “Todas as vezes que fizestes isso a um destes mais pequenos, que são meus irmãos, foi a mim que o fizestes!”.

Toda comunidade cristã considera como pessoas prediletas do Senhor aquelas que, particularmente entre as crianças, sofrem de qualquer tipo de deficiência física e mental e de outras formas de dificuldades [...]. O amor do Pai para com estes filhos mais frágeis e a contínua presença de Jesus com o seu Espírito nos dão a confiante certeza de que toda pessoa, por mais limitada que seja, é capaz de crescer em santidade.²

¹ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). *Manual da Campanha da Fraternidade 2006: fraternidade e pessoa com deficiência*. São Paulo: Salesiana, 2005. Disponível em: <http://www.cnbb.org.br/index.php?option=com_docman&view=list&slug=-cf-2006&Itemid=252>. Acesso em: 22/05/2016.

² CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Diretório Geral para a Catequese*. São Paulo: Paulinas, 2009. n. 189.

Ao testemunhar sua fé na vida cotidiana, o catequista coloca em prática o ensinamento de Jesus de anunciar o Reino de Deus e a seguir seu exemplo de acolher a todos. Por isso, sem discriminar ninguém, inicia na vida de fé da Igreja todos os seus catequizandos. É necessário deixar que a nossa vida se identifique com a vida de Jesus em nossos sentimentos, pensamentos, palavras e ações. Através da prática das mesmas posturas de Jesus, será possível termos uma vida de serviço e testemunho, e, dessa maneira, nossos catequizandos e demais pessoas que convivem conosco se sentirão motivados e impulsionados a servir a Deus na Igreja e na sociedade.

Na maioria das vezes, a precária situação dos analfabetos, dos deficientes visuais e físicos, ou daqueles com paralisia cerebral ou deficiência intelectual, bem como de todos que por algum motivo foram e ainda são rejeitados na sociedade, leva o catequista a ir ao encontro deles, que mais precisam de amor e de acolhida com dignidade. Faz-se necessário que tal acolhida tenha qualidade e uma catequese apropriada com recursos e conteúdos adaptados.

É possível fazer um paralelo entre a chegada deste catequizando com deficiência e o nascimento do Menino Jesus. Acolhê-lo no grupo torna o catequista modelo da Mãe de Jesus, que acolheu a mensagem do Anjo Gabriel sem questioná-lo e disse-lhe sim: “Eis aqui a Serva do Senhor” (Lc 1,38a).

O mundo será justo, fraterno e solidário se contribuímos com o projeto de Deus, a exemplo de Maria, dizendo “sim” a ele, para que seus planos se realizem em nossas vidas e na vida daqueles a quem nos foi confiada a missão de evangelizar.

Este trabalho se coloca nas quatro etapas de conhecimento pessoal e de crescimento do catequista: ser, saber, saber fazer e saber conviver. Tais etapas motivarão o caminho para que a evangelização inclusiva aconteça com qualidade para *todos* os catequizandos.

SER

O catequista traz no rosto a fisionomia de Deus. Conforme está escrito no livro de Gênesis, fomos criados “à imagem e semelhança de Deus” (cf. 1,26s). Então, com essa fisionomia, o

catequista passa a enxergar o catequizando sob a ótica de Deus. Por isso, recebe da Igreja a missão de exercer sua vocação e conduzir os catequizandos a olharem o colega com algum tipo de deficiência como imagem de Jesus.

Cada cristão tem uma missão específica a desempenhar neste mundo. A formação intelectual do catequista, a maturidade cristã do testemunho de sua vida pessoal e a consciência crítica diante das situações são fatores correlacionados e determinantes para ele cumprir sua missão. Vamos acolher com amor a missão confiada por Deus e reconhecer que ele nos chamou desde o ventre materno para essa missão evangelizadora, missionária e inclusiva (cf. Jr 1,5; Mc 16,15)!

O protagonismo da fé gerado ao ouvir o chamado de Jesus “Vem e segue-me!” e de acordo com a mensagem de Jeremias 1,7: “A quem eu te enviar, irás”, levam o catequista a não depender do contato frequente com o padre para seguir adiante com a evangelização inclusiva. Com a maturidade de fé e a vivência do seu Batismo saberá responder: o que fazer para seguir o chamado de Deus? Quem é e o que implica ser um catequista inclusivo?

Antes de o catequista se reunir com a equipe para estabelecer o planejamento anual da catequese, é importante, em primeiro lugar, planejar sua vida pessoal. O essencial nesse processo é acreditar em si mesmo e na sua capacidade de catequizar essas crianças. A sugestão é perguntar:

- Quem sou eu, chamado por Deus para ser catequista, antes do meu nascimento, ainda no útero de minha mãe (cf. Jr 1,5)?
- O que eu gosto de fazer na catequese?
- O que eu quero para minha vida de catequista?

A partir desta reflexão pessoal, é possível se reunir com a equipe da sua paróquia.

SABER

Na perspectiva da inclusão, o catequista se conscientizará de que não há como saber tudo, nem que é obrigado a saber exatamente como agir com uma pessoa com deficiência. O primeiro passo é aceitar e assumir a postura de que “nada sabe”.

Sendo assim, é comum ele sentir medo diante da realidade a ser enfrentada em seu grupo de catequese: *trabalhar com o novo, com o diferente, com o desconhecido*. Porém, esse sentimento tem um fator positivo: o medo o levará a buscar informações a respeito das deficiências para, então, sentir-se mais preparado para conviver durante o ano com o catequizando. A bússola vocacional encontra-se no coração do catequista que se abre para conhecer as deficiências.

Essa catequese necessita de uma preparação específica. Por isso, é necessário que o catequista frequente, em sua cidade ou diocese, cursos ou palestras de preparação voltados à catequese inclusiva, seja em ONGs, em centros acadêmicos e também a distância, e busque informações em diferentes meios como *sites*, livros etc. Isto lhe possibilitará trocar experiências com outros catequistas que também vivenciam a mesma realidade. Poderá também pedir ajuda a profissionais que trabalham nas áreas da saúde e da educação dos deficientes, como psicopedagogos, fonoaudiólogos, professores, fisioterapeutas, intérpretes etc.

A formação é permanente, pois o “catequista é construído a cada dia” numa atitude de constante aprendizado. Dessa forma, com o auxílio de Jesus e da abertura sincera do seu coração, conseguirá incluir o catequizando com deficiência.

SABER FAZER

A essência de todo método está no carisma do catequista, na sua sólida espiritualidade, em seu transparente testemunho de vida, no seu amor aos catequizandos e, acima disso, na sua intimidade com Deus e em sua experiência de oração.

Ele é um mediador que facilita a comunicação entre os catequizandos e o mistério de Deus, das pessoas entre si e com a comunidade. E com seu modo de ser, olhar, escutar, falar, sorrir, questionar, trabalhar, agir, perdoar, amar, fazer caridade, insere-se no método catequético, comunicando-se através da linguagem verbal e não verbal (gestos e símbolos), e produz ações criativas e dinâmicas, tornando-se caminho de construção, instrução e desconstrução.

O ato catequético pode ser comparado a uma construção. O catequista é o mestre de obras que orienta o trabalho de construção realizado pelo catequizando. Dessa forma, o planejamento dos seus encontros deverá respeitar e se adequar às individualidades dos catequizandos, modificando apenas algumas atividades e estratégias para que eles se sintam acolhidos na comunidade. A adaptação dos encontros reporta-se ao *Diretório Geral para a Catequese*, que recomenda que se realizem “segundo as diversas circunstâncias em que se transmite a Palavra de Deus”.³

De antemão, o catequista suprimirá as antigas práticas tradicionais e autoritárias, como aquela de adotar e se limitar ao uso do quadro negro para fixar os conteúdos do encontro.

Na convivência de cada encontro, o catequista aprenderá novas formas de atuação junto ao catequizando com algum tipo de deficiência. Sua atitude será a de encorajá-lo a buscar suas respostas e a acreditar em si e no seu potencial, a fim de que possa construir o conhecimento com todo o grupo.

O catequista deverá partir da realidade dos catequizandos, utilizando imagens relacionadas aos temas. Quanto mais rico em experiências concretas for o encontro e quanto maior número de figuras e imagens dispor, mais facilmente os catequizandos assimilarão o conteúdo.

³ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Diretório Geral para a Catequese*, n. 170.

Haverá grande troca de experiências e aprendizados no grupo. O catequista buscará sempre interagir: ouvindo e vivenciando os conhecimentos prévios que cada um apresenta. De uma relação espontânea, autêntica e comprometida de convivência semanal, irá fluir uma comunicação de trocas que possibilitará ao catequista compreender aquilo que o catequizando vive, encontra ou descobre.

Essa evangelização tem mão dupla, já que todo o grupo é evangelizado pela história de vida do colega com deficiência, pela maneira como lida com sua realidade e pela experiência que já adquiriu com Deus.

SABER CONVIVER COM O CATEQUIZANDO COM DEFICIÊNCIA

O catequizando com deficiência se sentirá acolhido e frequentará assiduamente os encontros de catequese quando o seu catequista aceitar a si mesmo e não temer sua vocação diante desse desafio. De acordo com Carl Rogers, “aceitar a si mesmo é um pré-requisito para uma aceitação mais fácil e genuína dos outros”.⁴

A configuração do grupo de catequese está embasada no princípio da “catequese inclusiva”, que une todos os catequizandos independentemente de suas deficiências. Segregar esse catequizando é ir contra o mandamento de acolhida deixado por Jesus. E é também andar na contramão dos documentos relacionados à inclusão, como a Declaração de Salamanca, entre outros.

A evangelização remonta ao início da Igreja fundada por Jesus Cristo, que é inclusiva em seus dons e única no objetivo: levar o amor aos corações. Na primeira carta de São Paulo aos Coríntios lemos: “Há diversidade de dons, mas um só Espírito. Os ministérios são diversos, mas um só é o Senhor. Há também diversas operações, mas é o mesmo Deus que opera tudo em todos. A cada um é dada a manifestação do Espírito para proveito comum” (1 Cor 12,4-7).

⁴ Carl Ransom Rogers (1902-1987) foi um psicólogo estadunidense atuante na “terceira força” da psicologia e desenvolvedor da Abordagem Centrada na Pessoa. Mais informações disponíveis em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Carl_Rogers>. Acesso em: 30/07/16.

As diferenças são as maiores riquezas que podemos possuir. Cada ser humano tem identidade própria, e é nessa diversidade que se encontra o tesouro da humanidade. Sendo assim, a essência do trabalho evangelizador inclusivo está em unir os talentos e viver a missão confiada por Deus a cada um de nós. Lembrando sempre que evangelizamos a todos.

Cabe ao catequista conduzir os demais catequizandos sem deficiência a refletirem sobre si mesmos e a entenderem que cada catequizando é diferente um do outro e que há diversas deficiências. Cada pessoa tem suas especificidades e particularidades, tem seu tempo e ritmo próprios para aprender. Cada um percebe o mundo e o conhece por perspectivas distintas.

PREPARAR O GRUPO

Um passo não menos importante é preparar o grupo para receber o catequizando com deficiência. Antes de ele chegar, os integrantes do grupo devem ser esclarecidos sobre as características do novo colega e como todos poderão ajudar-se mutuamente. É de extrema importância que o catequista crie um clima de expectativas positivas com relação às possibilidades de aprendizagem desse catequizando e uni-los desde o primeiro encontro. Ainda que as necessidades específicas de cada catequizando possam redundar em adaptações necessárias das atividades realizadas no encontro, o mais importante é torná-los cientes da diversidade e também das possibilidades de crescimento individual e coletivo em razão dessas diferenças.

É essencial orientar os catequizandos sobre a convivência com o amigo com deficiência e explicar que todos possuem diferenças entre si, as quais precisam ser respeitadas, sem discriminação. Comentar, então, sobre a cor dos olhos, dos cabelos, a estatura, o gênero etc. Citar como exemplo Jesus, que naquela época acolhia com amor cada pessoa, com deficiência ou não, e enfatizar que cada catequizando deverá ter para com o colega com deficiência as mesmas atitudes de Jesus.

Ressaltar o valor da amizade, e também da amizade com as crianças com deficiência. De modo claro, após a oração, comentar que todos somos iguais diante de Deus e que não deve existir nenhum tipo de preconceito.

Orientar como conviver bem com as pessoas envolve a compreensão de situações que sejam expressas de forma mais concreta possível. Portanto, procurar sempre apresentar exemplos, perguntar a opinião, envolver a pessoa com deficiência com o grupo, para que vivencie a mesma experiência dos demais (adequando o que for necessário), ou seja, garantir que tenha acesso às mesmas condições e que não seja excluída de algum momento por achar que não conseguirá realizar determinado movimento ou concluir o que aprendeu no encontro.

Os colegas da catequese podem contribuir para a socialização do catequizando com deficiência estimulando-o a interagir com a reflexão do encontro. Por isso, na catequese inclusiva, na maioria das vezes, não se faz necessária a presença de um catequista auxiliar.

Ao receber um catequizando com deficiência, é interessante que inicialmente o catequista conheça sua história, fazendo-lhe algumas indagações, como: “Qual seu nome? Quantos anos você tem?”; ou, em tom descontraído: “Qual time você torce?” etc.

Após ouvir as respostas, o catequista deve apresentar-se e, em seguida, informar-lhe que será seu catequista. Depois, perguntar o que quer aprender e o que sabe sobre Deus. Ao ouvir a resposta, explicar o assunto indagado.

DINÂMICA DA SALADA DE FRUTAS

De maneira lúdica, sensorial e interativa, esta dinâmica tem como objetivo apresentar aos envolvidos no processo a realidade da catequese inclusiva. Pedir que cada um traga uma fruta picada para preparar a salada de frutas.

Ingredientes: frutas variadas e açúcar.

Modo de preparo: picar as frutas e colocá-las em um pote ou em copos descartáveis. Em seguida, adicionar açúcar.

Explicar que cada fruta representa uma deficiência. O pote ou os copos simbolizam o local onde está acontecendo a inclusão; neste caso, o grupo de catequese e a paróquia. O açúcar expressa o amor que faz a inclusão acontecer. E a colher é o “querer fazer” do catequista, que, uma vez ajoelhado diante do Sacrário, apresentará esta realidade para Jesus, a fim de que a inclusão com qualidade aconteça na catequese.

Motivado após a dinâmica da salada de frutas, o catequista dá início aos encontros de catequese inclusiva com o seu grupo.